

## LER: PARA QUÊ? Uma conversa entre professores

Lígia Morrone Averbuck  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

"No momento em que a escola perde suas forças próprias, uma larga opinião dela reclama a solução dos mais graves problemas da sociedade contemporânea: uma redefinição da cultura, a integração da juventude."

Michel de CERTEAU,  
*La culture au pluriel*

Qualquer reflexão sobre as relações do aluno com a escola supõe que se identifique o espaço em que se situam os termos do problema: a realidade em que vive este aluno e da qual a escola é parte. Toda reflexão sobre a **cultura hoje**, no mundo ocidental, deve, inevitavelmente, considerar a realidade contemporânea, a existência de uma "cultura de massa", termo que, em falta de outro mais específico, adotamos quando nos referimos àquela que, através da indústria cultural, se propaga e, englobando a sociedade ocidental como um todo, transforma o mundo no que Mc Luhan denominou "aldeia global".

Utilizada de forma genérica, esta expressão se refere às formas culturais que, a partir do século XVIII, permitiram a larga difusão da comunicação social. Num sentido amplo, a cultura de massa teria nascido com Gutemberg; num sentido restrito, é filha da revolução industrial, emergindo aos fins do séc. XVIII, com a expansão dos jornais, do romance de folhetim, da opereta, do cartaz, que asseguram a multiplicação da comunicação pondo em risco a exclusividade da obra de arte (conforme mostrou Walter Benjamin).

Assim, no momento da ascensão da burguesia, a cultura se vulgariza e democratiza, determinando mudanças nos padrões de gosto (de aristocrata a burguês), quando o livro e a leitura passam a ser do domínio de um público crescente. Cultura de massa, expansão da revolução industrial, do capitalismo liberal e da sociedade de consumo vêm juntos: a estes elementos vão se associar a era da eletricidade e finalmente a era da eletrônica e o poder de penetração das informações e formas de comunicação torna-se irrefreável. Pensar em "cultura de massa" supõe refletir sobre todos estes aspectos em seu conjunto e nenhuma análise que subtraia algum de seus dados deixará de caminhar sobre pistas falsas.

É assim, na medida em que a cultura de massa está ligada ao fenômeno do **consumo**, que ela se instala, definitivamente, no século XX, quando o capitalismo não mais liberal, mas de organização (monopolista), cria as condições para uma efetiva sociedade de consumo (cimentada sobretudo por veículos como a TV — além do cinema, do rádio, dos **out-doors**, etc.).

De todos os veículos de cultura de massa é, sem dúvida, a TV o que tem o efeito maior sobre o homem, e isto não somente por sua força de atuação, como por sua difusão em todos os níveis da sociedade e por sua imediatividade. A rapidez com que a TV faz chegar o acontecimento integral aos espectadores é, talvez, uma de suas maiores forças impressivas e razão de seu maior sucesso.

Em sua força de imediatismo e urgência, a TV — contrariamente à sensação de perenidade que o texto impresso oferece — propõe o **efêmero**, o **circunstancial**, no qual tudo passa a se envolver num magma indistinto, num mosaico onde também o homem se perde. Pela multiplicidade de estímulos indistintos, ela **não seleciona** e a informação mais grave que diga respeito à sociedade ou à vida humana, pode vir ao lado da maior banalidade.

Rica e contraditória (lembre-se o "paraíso global") comparada com o que a leitura oferece, a TV muitas vezes se apresenta como um meio de informação (e diversão) infinitamente mais fácil e, freqüentemente, mais atraente. O mundo mágico do vídeo, invadindo as residências por um tempo elástico, faz com que a mensagem audiovisual se transforme em companhia permanente do homem moderno, parte do seu cotidiano, membro de sua família.

No entanto, não nos enganemos. Como bem nota L.C. Lisboa,

"O fato é que os chamados audiovisuais comunicam a um tempo limitado, enquanto a letra impressa está sempre disponível. Além disso, esta dispõe de uma credibilidade de documento, podendo ser consultada, exibida e guardada." E acrescenta: "o escrito é procurado pelos que o consomem, enquanto a comunicação audiovisual nos chega como uma visita".<sup>1</sup>

Assim é que, meio poderoso, suas características mais marcantes são responsáveis por sua penetração — já que, voltada para um público que deseja atrair, ela fala sobre o que lhe diz respeito, usando uma linguagem acessível. Contraditoriamente, se seu sucesso advém desta destinação à massa esse aspecto encobre sua verdadeira utilização que é a de corresponder ao jogo de interesses de seus patrocinadores. Na sociedade capitalista, isto significa: o jogo do consumo.

Portanto, fazendo do espectador seu instrumento, num país de poucos leitores, a TV pode se tornar a grande "formadora" de mentes pouco críticas e sem defesas.

A cultura de massa, veiculada pelos canais da indústria cultural tem, inegavelmente, um efeito narcotizante, sendo buscada, sobretudo, como fuga da realidade, "distração". Oferecendo a diversão, na verdade, essas formas culturais podem mascarar realidades intoleráveis às quais servem de escape.

Podemos notar que, conforme um levantamento recente sobre a indústria cultural no Brasil, existem no país mais de 7 estações de TV para cerca de 13 milhões de receptores de TV, o que pode ser avaliado em uma audiência possível de 50 milhões de pessoas<sup>2</sup>.

Em contraposição, sabemos que existem 280 jornais diários (que não chegam a ser lidos por 4 milhões de pessoas). Quanto ao livro — sobre o qual voltaremos a falar — são lançados no mercado, anualmente, entre 4.000 e 6.000 títulos cujas tiragens oscilam entre 3.000 e 5.000 exemplares<sup>2</sup>. O que acontece, no entanto, é que nestes números se incluem os livros didáticos (e técnicos) que ocupam cerca de 25% do total de exemplares publicados (e que, certamente, não podem ser considerados como material de "leitura", num sentido estrito). Com todos esses dados, no entanto, ainda se verifica que: 20% da população brasileira não ouve rádio; 50% não vê TV; 80% (pelo menos) não lê jornais ou revistas. Quanto

aos livros, a situação é bem pior (os didáticos são lidos apenas por 25% da população, na melhor das hipóteses).

Como se vê, a leitura do livro — indiscutivelmente meio que oferece maior dificuldade para o leitor — está em último lugar na escala das prioridades dos meios de comunicação de massa utilizados pelo brasileiro. Num país de tantas deficiências culturais, sociais e econômicas, se isso não é de espantar é, sem dúvida, razão para preocupação pelos que têm para a sociedade um projeto de humanização.

É ainda L. C. Lisboa<sup>3</sup> quem observa que

*"Se a literatura é mero passatempo para o homem comum, isto se deve (em parte) à indolência mental gerada pelo excesso de informações que ele recebe."*

*"Em meio a tanto lixo — a mente cansada perde a faculdade de selecionar — os valores se diluem e a Divina comédia já não se distancia muito de uma fotonovela. Em busca do mais fácil, surge uma necessidade quase diabólica de divertimento leve. O consumidor de banalidades está pronto para ser usado."*

Os afortunados alunos que ultrapassam essa barreira e descobrem o "prazer da leitura" são os que, através do convívio com os livros, se apossam dos meios para seu crescimento pessoal.

Ezequiel Silva<sup>4</sup> registra que

*"As experiências conseguidas através da leitura, além de facilitarem o posicionamento do homem numa condição especial (o usufruto dos bens culturais escritos, por exemplo), são, ainda as grandes fontes de energia que impulsionam a descoberta, elaboração e difusão do conhecimento." E ainda: "Em outras palavras: a produção e divulgação da ciência e da cultura parecem caminhar por meio de veículos que se utilizam da expressão escrita."*

No entanto, seria desejável e necessário que a possibilidade dessa experiência não se desse por um feliz acaso na vida de algumas pessoas, mas que fizesse parte de uma sábia e decidida programação da escola, em uma sociedade que fizesse dessa meta uma prioridade. Apesar disso, os estudiosos da questão (psicólogos, linguistas, filósofos, sociólogos) reconhecem que a leitura, outrora considerada simples meio de receber uma mensagem importante, realiza-se como um ato em que se desenvolve um processo de vários níveis e que contribui decisivamente para o desenvolvimento do intelecto, de vez que trabalha ao nível da cognição e da lingua-

gem. Por esta razão, ela é uma forma — das melhores — de aprendizagem, um dos meios eficazes de desenvolvimento da linguagem e da personalidade (já que o trabalho sobre a linguagem é o trabalho sobre o homem).

Assim, as dificuldades encontradas para o desenvolvimento da linguagem — e que são o objeto da preocupação de todos nós, professores de Língua e Literatura, preocupação que deveria, na verdade, ser partilhada por todo educador — se centram no âmago da questão da própria realidade em que está inserido o aluno — contemporâneo de uma sociedade desumanizada.

A dificuldade que verificamos na área da compreensão da leitura, por exemplo, não se vincula tão-somente às diferenças de domínio dos mecanismos do próprio ato de ler, mas, também, à própria dificuldade do leitor (aluno) em atingir o mundo do outro, em sair de seu subjetivismo para partilhar de uma outra experiência.

Analisando a questão da leitura em sociedades ocidentais R. Bamberger (1977), nota que "o elemento humanitário está enfraquecendo, que estão diminuindo as capacidades de partilhar uma experiência de simpatia e de avaliação". E acrescenta que "a maior compreensão tecnológica dificilmente compensará uma coisa dessas".

A regressão dos talentos da linguagem não decorre, por certo, apenas do interesse crescente pela tecnologia, mas pelo "excesso de informações", vindas dos estímulos visuais (sobretudo TV e HQ) que a criança recebe e, sem decodificação crítica, se não enfraquece sua imaginação, não a estimula. A massificação se faz pela ausência de um diálogo entre este jovem leitor e a realidade que o cerca.

Por conseguinte, há que se considerar a leitura como recurso maior contra esse por assim dizer "enfraquecimento da linguagem", reflexo da ausência de um diálogo verdadeiro entre o leitor e a realidade que o rodeia.

Nestas circunstâncias, a leitura (e a literatura como extensão) aparece como forma possível de "resistência", num mundo dominado pela cultura de massa e pelo poder da informação, como caminho para a formação do senso crítico, da capacidade de julgamento, daquele encontro e identidade com as próprias aspirações, oriundos da reflexão sobre a realidade, propiciado pela leitura.

A importância da **reflexão**, proporcionada pelo desenvolvimento da **compreensão** (que a leitura estimula e da qual é uma etapa) é salientada por Paul Ricoeur que, em **O conflito das interpretações** (p. 19), escreve:

*"A reflexão é uma crítica; não no sentido (kantiano) de uma justificação da ciência e do dever, mas no sentido em que o Cogito só pode ser reapropriado mediante uma decifração (de nosso esforço) aplicada aos documentos da (de sua) vida. A reflexão é a apropriação de nosso esforço por existir e de nosso desejo de ser, através das obras que testemunham esse esforço e esse desejo."*

Evidentemente, a tarefa de conduzir o aluno a esta reflexão não se apresenta como fácil, mas é também, evidentemente, o único caminho para reaproximá-lo de sua medida de humanidade e conhecimento do mundo e de si mesmo.

Diante desse quadro de realidade é que se coloca o professor de Língua Portuguesa ou de Comunicação e Expressão.

Recebendo um aluno que é "bombardeado" por uma cultura de massa, e que, pelos próprios valores da sociedade em que vive, não é estimulado a ler, ele deverá tentar **quebrar resistências** e despertar neste aluno o **desejo de ler** (que antecede à formação do "hábito de ler").

Convicto de que "a crise da cultura" (em que se insere a crise da leitura) é parte de uma crise maior que é a do homem na sociedade, cabe ao professor encaminhar seus alunos para armarem suas defesas. Como numa guerra de guerrilha em que tudo é válido, o trabalho do professor precisa se fazer maciço e, se possível, tão forte quanto o é o da pressão exercida pela estrutura social em sentido contrário. E aqui abro um parêntese para lembrar que falo em sociedade num sentido geral e dele não excludo os pais que poderiam ser aliados da escola, mas que, assim como os professores, são objeto da mesma pressão.

A resposta a estas questões está contida — para nós, professores de Língua e de Literatura ou de Área de Comunicação e Expressão do ensino de 1º e 2º graus — na consciência de que é preciso dar, ao estudante, no que se refere à sua linguagem, condições de expressão de si mesmo, de tradução do mundo que o rodeia (compreensão) e de comunicação com o outro.

A **expressão de si** — oriunda do autoconhecimento, da identificação dos próprios anseios e da formação da própria consciên-

cia — pode se fazer também através da leitura, na medida em que o aluno puder ler textos (livros), que lhe falem de seu mundo, de seus sentimentos — emoções — e desejos, em que se lhe ofereçam histórias que digam respeito à sua realidade (não apenas externa como interna). Bruno Bettelheim, em seu estudo sobre os contos de fadas, acentua o papel liberador que as histórias podem ter sobre o psiquismo infantil, ângulo em que a leitura surge como fonte de autoconhecimento.

Por outro lado, é também via leitura que se atingirá outro nível do conhecimento, o conhecimento do mundo — o outro — obtido através de uma leitura feita para **informar-se** (cognitiva). Neste caso, o efeito do desenvolvimento desta capacidade se estende a várias outras áreas do conhecimento e da vida do aluno na medida em que, na escola atual, ela determina — em quase 100% dos casos — as possibilidades do êxito escolar e, muito possivelmente, **social**.

É esta mesma leitura "informativa" que amplia a possibilidade maior de expressão, pois só existe "expressão", quando se tem algo a dizer evidentemente. O vazio das redações escolares com que nos deparamos diariamente é proveniente, em quase 100% dos casos, deste "vazio cultural", desta "ausência de conteúdo", determinada pela falta de leitura e de exercício de reflexão. Isto porque é também decorrente este vazio da falta de senso **crítico**, que a leitura realizada num nível de maior profundidade poderia permitir. Ler e comparar, ler e julgar, ler e escolher, ler e avaliar a qualidade do que se leu, são processos e etapas a que o professor, que deseja formar o discernimento do aluno, não pode se furtar. Não basta selecionar material para o aluno (e este é outro importante capítulo sobre o qual não vou poder me deter) e entregar a ele para que esse leitor o "digira". É preciso, antes, esperar dele uma resposta — a de sua medida de avaliação do que lhe foi dado, sua crítica, sua relação com o texto, momento fundamental no processo.

E, **last but not least**, cumpriria não esquecer uma função da leitura sobre a qual ainda não tocamos, mas que não é menos essencial — a de alargar a imaginação do leitor. A imaginação — parceira da criação — é, assim, o ponto de partida e chegada do ensino libertador, aquele que deseja dar aos alunos elementos para sua autoconstrução.

E é neste ponto que surge o papel fundamental da *literatura* — em todos os níveis do ensino, desde os contos de fadas aos textos literários mais complexos — e hoje se pode falar de literatura infantil desde as classes da escola maternal — como elemento desencadeante da fantasia, do sonho, da imaginação. A poesia e a ficção em geral podem dar expressão ao mundo interior e ao desejo de evasão do homem sem conduzi-lo à alienação, porque a expressão da própria realidade e o conhecimento dos que nos são semelhantes não é evasão.

É a partir desta leitura — e do imaginário — que se pode formar o verdadeiro prazer da leitura — única forma capaz de conduzir a uma verdadeira necessidade de ler. Isto significa, em princípio, leitura feita em liberdade, escolhida livremente e desenvolvida dentro do ritmo de cada um. E evito aqui falar em *hábito* — palavra de conotação prejudicada porque associada à rotina — substituindo-a por *necessidade*, que é condição imperiosa, interna, e que, uma vez atendida, conduz à satisfação pessoal.

E satisfação plena é o que deve proporcionar a leitura bem conduzida por um professor consciente do *poder dessa leitura* — no mundo em que vive — com um compromisso social assumido para com os jovens que a sociedade lhe confiou.

Não tenho a pretensão de trazer respostas para a angústia que, acredito, a maioria dos colegas professores vive diante de sua responsabilidade. Quero apenas me associar a esta indagação e acrescentar minha convicção pessoal de que o primeiro passo para se encontrar as respostas é o de colocar as perguntas. Dentro delas estão as respostas que procuramos.

## NOTAS

1 — LISBOA, L. C. "A palavra impressa". In: —. *Olhos de ver ouvidos de ouvir*. Rio de Janeiro, Difel, 1977, p.41-2.

2 — Dados de 1981, fornecidos por Boletins da Câmara Brasileira do Livro.

3 — Op. cit., p.13.

4 — SILVA, Ezequiel T. *O ato de ler*. São Paulo, Cortez, 1981, p.38-9.

## TEXTOS DE APOIO

BAMBERGER, Richard — *Como inativar o hábito de leitura*, São Paulo, Cultrix, 1977.

BARTHES, Roland — *O prazer do texto*, Lisboa, Edições 70, 1974.

GRAMSCI, Antonio — *Literatura e vida nacional* 2.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

LISBOA, Luiz Carlos — *Olhos de ver, ouvidos de ouvir*, Rio de Janeiro, Difel, 1977.

MARTINS, Wilson — *A palavra escrita*, São Paulo, Anhembi, 1967.

RICOUER, Paul — *O conflito das interpretações*, Rio de Janeiro, Imago, 1978.

SILVA, Ezequiel Teodoro da — *O ato de ler*, São Paulo, Cortez, 1981.